

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Faculdade de Ciências Sociais – Departamento de História

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MODALIDADE: PROJETO DE MESTRADO**

**Aluno:** Ricardo Peres Borges

São Paulo

2020



Ricardo Peres Borges

**A fabricação do Terror:** análise da cobertura midiática da revista Veja e da Al-Jazeera sobre o Estado Islâmico

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	4
2.OBJETIVOS .....	6
3.JUSTIFICATIVA .....	8
4.METODOLOGIA .....	13
5.CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	22
6.LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO PRELIMINAR .....	22

## 1.INTRODUÇÃO

Um importante marco na década de 2010 foi surgimento de um grupo terrorista projetado em escala global: o Estado Islâmico. O grupo originado da fusão unilateral entre a célula da Al Qaeda no Iraque e a frente Al-Nusra viria a conquistar rapidamente territórios importantes nos fragilizados Estados do Iraque e da Síria. O Iraque vivia uma situação na qual o Estado não possuía mais influencia plena sobre todo o seu território. Pequenos grupos controlavam partes de regiões, fragmentando o poder do Estado. Aliado a isto o então primeiro ministro Nouri Al-Maliki promovia uma série de políticas sectárias, o que fortalecia os grupos como a Al Qaeda do Iraque, garantindo muita força a eles. Concomitante a isto a Síria vivia um cenário de guerra civil desde a Primavera Árabe em 2011, o que propiciou uma rápida expansão do grupo na região.

Com um eficiente sistema de recrutamento, realizando ataques surpresa em ações rápidas que se aproveitavam da fragilidade da região o Estado Islâmico do Iraque e da Síria viria a formar um protoestado na região. Em junho de 2014 o grupo viria a se autodeclarar um califado, sendo o califa Abu Bakr al-Baghdadi. Tal marco é importante para os fiéis, pois o califado simboliza um Estado para todos os muçulmanos e o califa seria o seu líder<sup>1</sup>. Com a proclamação o grupo passa a se autodenominar apenas Estado Islâmico, projetando-se mundialmente e atraindo grande atenção internacional após uma série de atentados ocorridos no ocidente e reivindicados pelo grupo. O aspecto global do grupo já se encontrava em sua proclamação, como é possível observar na fala de Abu Mohamed al-Adnani, então porta-voz do grupo e noticiado pelo jornal virtual da Al Jazeera:

*“The legality of all emirates, groups, states and organisations becomes null by the expansion of the caliph’s authority and the arrival*

---

<sup>1</sup> As discussões sobre a natureza de um Estado Islâmico e a legitimidade do poder remontam a tradição intelectual muçulmana desde a Idade Média, e se intensifica com o assassinato de Ali no século VIII, originando a divisão que conhecemos hoje entre os xiitas e os sunitas. Em suma, os xiitas são partidários de Ali, que era genro de Maomé e para eles deveria liderar o Califado por ser parente do profeta. Os sunitas entretanto defendem que o Califado deve ser regido por aquele que carregar virtudes e se mostre apto para liderar os muçulmanos, não necessitando ter relação de parentesco com o profeta.

*of its troops to their areas. [...] Listen to your caliph and obey him. Support your state, which grows every day.*<sup>23</sup>

Diversas ações infames seriam realizadas pelo grupo e noticiadas pela mídia: tentativa de genocídio à minorias yazidis e cristãs, destruição e contrabando de patrimônio histórico, perseguição a outras minorias muçulmanas (notadamente aos xiitas), ligação com a rede de tráfico internacional de drogas, ligação com tráfico humano, uma série de atentados tanto na Europa quanto nos EUA e, principalmente, nos países vizinhos às regiões dominadas pelo Estado Islâmico, brutalidades cometidas a prisioneiros de guerra (como por exemplo a realização de execuções públicas), etc. Tais realizações atraíram a atenção da mídia do mundo inteiro, que realizou extensivas coberturas sobre o grupo. A mídia entretanto não se preocupava apenas em noticiar, mas também em analisar e procurar explicar as motivações do grupo, sua razão de existência, sua expansão, sua popularidade, etc.

O grupo viria a conquistar diversas cidades importantes da região do levante, como Mosul (capital do Curdistão), Raqqa (cidade onde fora proclamado o califado em 2014), Tikrit (importante por seu simbolismo, sendo a cidade natal de Saddam Hussein), regiões da cidade de Aleppo (maior cidade da Síria), etc. Em 2015 fora proclamado uma coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos e reunindo 68 países para combater o grupo. Ao mesmo tempo o governo russo se aliaria ao governo sírio de Bashar Al-Assad e se empenharia no combate ao grupo terrorista. O exército curdo Peshmerga também se mostra como um importante agente de contenção do Estado Islâmico. Tais coalizões foram efetivas contra o grupo, o qual em 2017 perde a sua capital Raqqa e cada vez mais deixa de possuir um controle real na região, por mais que continue existindo enquanto um grupo sem território dominado.

---

<sup>2</sup> n/d. *Sunni rebels declare new 'Islamic caliphate'*. Al-Jazeera. n/d. 30 de junho de 2014. Disponível em: < <https://www.aljazeera.com/news/2014/6/30/sunni-rebels-declare-new-islamic-caliphate> >. Último acesso em: 22/10/2020

<sup>3</sup> “A legalidade de todos os emirados, grupos, Estados e organizações são nulas de acordo com a expansão da autoridade do califa e a chegada de suas tropas em suas áreas. [...] Escutem o seu califa e o obedeçam. Apoiem o seu Estado, que cada dia cresce mais”. Tradução livre.

Como dito anteriormente a cobertura da mídia sobre o grupo terrorista foi extensiva (e motivos não faltavam para isto). No Oriente Médio o canal catari Al-Jazeera se esforçava em noticiar praticamente todos os dias sobre o grupo. Para além disto o canal realiza a exportação de notícias. No Ocidente o grupo também aparecia frequentemente nas manchetes. Para além do temor de atentados, os anos seguintes a 2011 foram marcados por extensivos fluxos migratórios de refugiados de guerra sírios para os países vizinhos e para a Europa. Tal fluxo de refugiados provocou um grande debate político na época sobre a questão das políticas migratórias e sobre receber ou não estes refugiados. Sendo uma pauta política presente, juntamente com o temor da possibilidade da realização de atentados terroristas pelo grupo em qualquer parte do Ocidente, os meios de comunicação procuravam explorar o grupo. Tal sentimento de ameaça via-se inclusive aqui no Brasil, como por exemplo nos esforços da Abin e da Polícia Federal para identificar e prender brasileiros apresentados pelo governo brasileiro como apoiadores do grupo<sup>4</sup>.

## **2.OBJETIVOS**

A pesquisa procura entender como a mídia nacional e internacional apresenta a imagem do Estado Islâmico e constrói uma narrativa sobre o grupo. Reconhecendo a mídia enquanto um importante moldador de opinião pública se torna necessário compreender como ela entende os assuntos que noticia e tentar alcançar a mensagem contida em suas matérias, assim como a sua compreensão sobre o assunto abordado.

A revista Veja será utilizada enquanto exemplo de mídia nacional por ser a revista mais vendida no país, possuindo assim grande influência na opinião pública. Desta maneira ambiciona-se verificar como a revista constitui a imagem do Estado Islâmico e o seu discurso sobre os eventos relacionados a ele.

Como exemplar para a mídia internacional será utilizado o jornal virtual do canal catari Al-Jazeera. A escolha se dá pois o jornal virtual, mesmo sendo

---

<sup>4</sup> BONIN, Robson; GONÇALVES, Eduardo. Terrorismo à brasileira: entre lobos e ratos. Revista Veja. São Paulo. Edição 2488, p. 78-83. 22 de julho de 2016.

estatal do Qatar, publica suas matérias em inglês almejando ampliar seu público para uma esfera internacional. Para além disto a escolha do canal nos aproxima do objeto de estudo, pois desta maneira nós podemos ver a maneira que os redatores de uma mídia árabe, de um país muçulmano, trata sobre o assunto que ocorre no Oriente Médio. Almeja-se também compreender a maneira com que o jornal virtual da Al-Jazeera constrói a imagem do grupo e como elabora o discurso sobre ele em suas matérias. Ao utilizar a Al-Jazeera também se torna legítimo verificar influências sobre o discurso realizado por eles sobre o discurso realizado pela Veja, verificando por exemplo se essa tentativa de globalizar as suas notícias chega até os redatores da revista. O fato de ser uma mídia estatal também nos gera outra gama de interpretações da fonte: o que a Al-Jazeera publica está alinhado com os posicionamentos do Qatar com relação aos seus interesses geopolíticos na região? Como o editorial se posiciona frente aos atos do grupo e o contexto histórico presente no momento? O fato da mídia ser estatal torna o que ela produz com uma camada a mais de interpretação e apreensão das intencionalidades do canal de notícias.

Cabe compreender a mídia enquanto uma formadora de opinião com capacidade de não apenas informar a população mas também de implantar preconceitos à ela, utilizando de seu grande alcance e influência ambicionando a conquista de algum feito político que seja de seu interesse ou não. Tendo isto em mente objetiva-se identificar como o jornal virtual da Al Jazeera e como a revista Veja elaboram a narrativa e constroem a imagem do grupo Estado Islâmico, sendo este o nosso objetivo principal. Utiliza-se de rótulos como “terroristas”, “radicais”, “fanáticos”, “extremistas”, etc? Associam a existência do grupo a algo intrínseco ao islã? Realizam uma associação entre o cenário político instável da região do levante e a existência do grupo? Entendem ele de maneira a qual ele está inserido em um processo histórico extremamente latente desde o fim da Guerra Fria ou entende-o enquanto um fenômeno que se explica por si mesmo? É gerado um pânico ou desconfiança com relação a imigrantes por conta da existência do grupo? É criada a imagem do grupo enquanto espécie de vilão na Terra, encarnação do mal, que merece ser esmagado pelo Ocidente, sendo uma espécie de aberração? Estes são alguns

exemplos de questões a serem investigadas junto às fontes. Estará também no alcance da pesquisa verificar a criação de preconceitos, por parte de ambas as revistas, de generalizações a cerca dos muçulmanos e dos árabes, a tentativa de se utilizar da existência do grupo como um meio de promover determinada política pública em seu país - como por exemplo a argumentação de que entre os refugiados poderiam vir terroristas infiltrados –, compreender a Al-Jazeera enquanto uma voz do mundo árabe que também se projeta com relação a divulgação de suas notícias para todo o mundo – expressa justamente na criação de um portal virtual onde suas matérias são publicadas em inglês – e como este portal trata de um tema que o Ocidente comumente não o compreende (é lugar comum a visão dos muçulmanos de maneira estereotipada por parte dos cidadãos ocidentais) e com a utilização da Veja em justaposição a Al Jazeera ambiciona-se compreender como uma das maiores mídias do país entende e comunica assuntos do Oriente Médio.

Em ambas as mídias será também pertinente verificar se há uma tentativa de tornar o Estado Islâmico e os atos cometidos por eles uma fonte de gerar notícias e manchetes sensacionalistas com o intuito de comercializar e lucrar em cima do grupo. As notícias que envolvem as pautas circundantes ao Estado Islâmico (tais como atentados terroristas, a imigração em massa, a questão do radicalismo ou extremismo religioso, a destruição do patrimônio histórico, etc) são elaboradas de uma maneira para gerar a sensação de alteridade, exotismo e moldar notícias que buscam simplesmente a lucratividade, mesmo que comprometa a veracidade dos fatos apresentados ou que as incompreensões (caso existam) sobre o assunto gere uma desinformação à cerca dele? Este também é um objetivo específico da pesquisa, o qual agrega bastante no âmbito de compreender a criação da imagem e da narrativa do grupo, nosso objetivo principal.

### **3.JUSTIFICATIVA**

A relevância deste trabalho se encontra por estarmos em um momento no qual a islamofobia está em ascensão. Entender como importantes meios de comunicação tratam sobre um tema tão sensível que é o terrorismo nos permite compreender se determinado meio de comunicação corrobora para o

preconceito frente às populações muçulmanas, por meio da generalização, ou se estes meios de comunicação entendem as particularidades do processo histórico que permitiu a ascensão de grupos como o Estado Islâmico. Ao utilizar um canal internacional e um nacional permite-nos termos uma amplitude em duas escalas. Deve-se também levar em conta que o Qatar (país dono da Al-Jazeera) é majoritariamente muçulmano, e ver a maneira com a qual os muçulmanos tratam sobre o tema em justaposição com a maneira com que a Veja, revista brasileira conservadora, o faz. Isto possibilitará compreender as sincronias e diacronias da maneira de fazer jornalismo sobre um mesmo objeto.

Por mais que o objeto e o tema soem distantes a nós brasileiros, o Brasil possui expressiva comunidade de sírios e libaneses migrantes, e com a onda de imigração ocasionada pela Guerra Civil Síria a pauta das políticas migratórias reascendeu no Ocidente. O Brasil, com exceção do contexto das olimpíadas de 2016 quando a Polícia Federal prendeu 34 pessoas que estariam ligadas ao Estado Islâmico, não constitui um alvo do terrorismo internacional, mas ao mesmo tempo recebeu um número de refugiados considerável nesta última década – não sendo apenas refugiados árabes oriundos da Guerra Civil da Síria. Neste sentido torna-se importante o papel da Veja enquanto fonte deste trabalho, pois caso seja elaborada uma imagem de alteridade com relação aos muçulmanos haverá uma contribuição da revista perante a islamofobia. Desde o atentado das Torres Gêmeas em setembro de 2001 vêm se criando uma narrativa de que o radicalismo é intrínseco ao islã e que a narrativa do choque de civilizações, onde todo o mundo não ocidental iria atacar o Ocidente, formulada por Huntington, estaria ocorrendo. O Estado Islâmico, neste contexto de diáspora dos povos muçulmanos, reascendeu esta discussão existente em 2001 e diversos partidos políticos ligados a extrema-direita ascenderam ao poder (como no caso da Grécia, Hungria, Áustria, Polônia, Estados Unidos da América) beneficiando-se desta narrativa. A ideia de que a vinda de refugiados muçulmanos traria infiltrados radicais, extremistas, que utilizariam da oportunidade para infiltrar em determinada nação e então instalar um regime religioso passou a se difundir na Europa (aliada a ideia de que estes refugiados também iriam piorar a qualidade de vida

dos europeus por roubar seus empregos ou tornar o país mais perigoso, por exemplo). Com isto, foi utilizado de rótulos como “extremistas”, “radicais”, “fundamentalistas”, “terroristas”, “opressivos”, etc para associar com os povos árabes e muçulmanos.

. Este trabalho permite encontrar na mídia brasileira sinais deste discurso de alteridade, ao utilizar-se de uma revista da direita, e ao mesmo tempo identificar como os próprios árabes (no caso, os cataris) formam a imagem do Estado Islâmico e do terrorismo. Permite assim compreender um jeito diferente de visualizar um mesmo fenômeno e desta maneira pode-se compreender tanto o fenômeno (no caso o Estado Islâmico) quanto àqueles que nos transmitem o fenômeno (no caso a mídia) e projetar seu impacto a partir da junção dos dois (no caso a narrativa que a mídia nos fornece sobre o ISIS e a qual forma a opinião pública sobre o tema). Em suma, é necessário entender se a mídia se utiliza do Estado Islâmico para propagar um discurso islamofóbico.

Tomemos por exemplo a edição número 2453 da revista Veja publicada em 25 de novembro de 2015. A edição traz um especial sobre o Estado Islâmico, tendo sido elaborada duas semanas após os Atentados de Paris em 13 de novembro de 2015. Na sua capa é estampado o título “A civilização contra o terror: o grande desafio das democracias agora é esmagar o Estado Islâmico sem perder as virtudes ocidentais de tolerância, pluralismo e liberdade”. Apenas em sua capa esta edição já contem para nós diversos aspectos relevantes de serem observados: em primeiro lugar é apontado que o desafio do Estado Islâmico é para as democracias, mais especificamente as ocidentais, carregadas de suas virtudes intrínsecas ao fato delas serem ocidentais: a tolerância, o pluralismo e a liberdade. O problema que surge no Oriente Médio deve ser solucionado por um agente alienígena a este ambiente, o ocidente, o qual de maneira implícita possui valores e qualidades determinados que os médio-orientais não teriam por um determinismo geográfico e este problema só pode ser resolvido a partir destes valores que supostamente o ocidente (e apenas o ocidente) teria. Já é formulado na capa um discurso de caráter de alteridade, que já prepara o leitor que irá adquirir a

revista e lerá o dossiê especial sobre o Estado Islâmico que contém nesta edição uma série de ideias com as quais o ocidente é identificado enquanto aquele que deve agir para solucionar os problemas do mundo, que este problema é algo que é de origem externa e alienígena ao ocidente (afinal, segundo a capa, o ocidente possui os valores da tolerância, do pluralismo e da liberdade) e a situação apaziguada por este ocidente democrático, livre, plural, igualitário e cristão. Este ocidente é o que tem o dever de solucionar o mal do terrorismo, que é a contraposição a todos estes valores. Para a revista Veja o uso da violência para “esmagar” o inimigo é legítimo, contanto que se mantenham estes valores supostamente inerentes ao ocidente (por mais contraditórios que eles sejam com a ideia de “esmagar” um oponente).

Apesar de a capa já nos mostrar um pouco da maneira que a Veja concebe a ideia de Ocidente, o problema do terrorismo, e quem deve solucionar (ou esmagar) ele, é ainda mais interessante quando nos adentramos no dossiê. Dentre as matérias contidas nesta edição há uma intitulada “Tudo que é necessário saber sobre a seita de assassinos”, escrita por Duda Teixeira e Nathalia Watkins. Na matéria são levantadas diversas perguntas seguidas de suas respostas, ambicionando elaborar uma espécie de “manual básico” para compreender o Estado Islâmico. É, entretanto, evidente alguns casos de criação de uma imagem de alteridade com relação aos muçulmanos em geral, um exemplo disto é quando a matéria responde o “Por que os muçulmanos da França aparentam ser mais radicais e mais organizados do que os do Estados Unidos?”

“A comunidade islâmica na França é mais numerosa e chega a 7,5% da população. A maioria vive em subúrbios e bairros onde reproduz hábitos e estilo de vida de seu país de origem. Nos Estados Unidos, os muçulmanos não chegam a 2% do total e estão mais bem integrados à sociedade”<sup>5</sup>

Em meio às explicações sobre o que seria o grupo e quais as suas motivações os autores buscam explicar um sensível e nebuloso tópico que é o recrutamento de estrangeiros, em especial franceses, os quais é apontado pela revista como os mais radicais. A brilhante explicação é o que salta aos olhos

---

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Duda; WATKINS, Nathalia. Letais contra inocentes desarmados. Revista Veja. São Paulo. Edição 2453, p. 94. 25 de novembro de 2015.

aqui. Para os autores o que justifica estes imigrantes é o fato de que “a maioria [...] reproduz hábitos e estilo de vida de seu país de origem”, algo que aparentemente para os autores apenas imigrantes muçulmanos fazem. Esta colocação reforça a hipótese de que é necessário verificar a criação de um discurso de alteridade e de generalização dos muçulmanos por parte da mídia. Esta passagem da revista reforça a ideia de que o país de origem dos imigrantes franceses tem por sua característica a radicalização do islã, que é apenas reproduzido por seus migrantes, agora em França, como algo pertencente ao “estilo de vida do seu país de origem” e que eles reproduzem como nostalgia típica das comunidades migrantes. Desta maneira torna-se implícito que nos países muçulmanos o radicalismo e o terrorismo são aceitos e pertencentes da cultura local, e isto simplesmente não corresponde a realidade. Surge aqui uma questão que já fora identificada na capa da edição: os valores de liberdade, pluralidade e tolerância não existem nos países muçulmanos, e, nesta lógica, também não existem nos imigrantes muçulmanos, e por isto eles são potenciais radicais. Vale ressaltar uma inconsistência argumentativa por parte dos autores que indicam como um dos motivos o fato de haver mais muçulmanos na França do que nos EUA se utilizando da porcentagem. A inconsistência surge do fato de que 2% da população dos EUA é um número de muçulmanos maior do que 7% da população da França, então mesmo que com relação a população geral seja menos pessoas ainda é em números absolutos uma grande quantidade de imigrantes que são capazes de formar entre si comunidades de estrangeiros e terem as mesmas características apontadas por elas (no caso, a de morarem em comunidades de imigrantes mantendo tradições dos seus países de origem)<sup>6</sup>.

Em suma, é relevante compreender a maneira pela qual uma das principais revistas brasileiras e a principal mídia árabe informam seus leitores acerca de um mesmo tema. Podemos ver a maneira como diferentes culturas

---

<sup>6</sup> Segundo a Eurostat a França possui 67 milhões de habitantes, e pela porcentagem fornecida pelas jornalistas isso equivale a 5,025 milhões de muçulmanos. Segundo o Departamento do Censo dos Estados Unidos o país possui 328 milhões de habitantes, e pela porcentagem fornecida pelas jornalistas isso renderia 6,56 milhões de muçulmanos residentes em território estadunidense.

em diferentes posições e com diferentes interesses políticos tratam o mesmo assunto e isto torna possível entendermos particularidades de cada um destes meios de comunicação informativos e formadores de opinião pública, mesmo que tal opinião pública possa vir a ser pautada em cima de incompreensões ou preconceitos. Para atingir isto serão analisadas matérias publicadas na revista *Veja* e no jornal virtual da Al-Jazeera entre junho de 2014, com a proclamação do califado pelo Estado Islâmico em Raqqa até a reconquista de Raqqa em 2017.

O recorte temporal foi definido a partir da delimitação do próprio objeto de pesquisa. O marco inicial da pesquisa é o momento de ruptura do DAEH<sup>7</sup> com a Al Qaeda e proclamação do califado. O período da pesquisa se encerra com a queda de Raqqa. Apesar do grupo ainda manter territórios sobre o seu controle, a perda da “capital” do califado é simbólica o suficiente para delimitar o final do recorte. Paralelo a isto, durante este período é que o grupo ganha grande notoriedade, pois o seu processo expansionista e as diversas realizações de atentados no exterior se intensificam a partir da proclamação do califado. Pode-se eventualmente utilizar matérias fora deste recorte mas que tratem do assunto e que sejam condizentes com as necessidades da pesquisa. O recorte espacial será focado nas regiões ocupadas pelo grupo no Iraque e na Síria, mas podendo também tratar de outras regiões que apareçam nas notícias e tenham relevância para o objetivo do trabalho (por exemplo no caso do atentado de Paris, aonde a pesquisa irá se deslocar do Oriente Médio para a Europa, ou então em matérias que tratem sobre fluxos migratórios e a questão dos refugiados, ou matérias que tratem sobre o combate ao grupo terrorista, etc).

#### **4.METODOLOGIA**

O jornal virtual da Al-Jazeera possui uma série de categorias para as matérias publicadas por eles. Na triagem das fontes que serão utilizadas na pesquisa a grande maioria delas se encontram nas categorias *News*, *Features*,

---

<sup>7</sup> Sigla para *al-Dawla al-Islamiya fil Iraq wa al-Sham*, que significa Estado Islâmico do Iraque e do Levante em árabe. Esta sigla é utilizada pelos opositores do grupo porque a sua pronuncia soa semelhante a do verbo “esmagar” em árabe.

*Opinion* e *Reporter's Notebook*. Cabe explicar como funcionam estas categorias. A categoria *News*<sup>8</sup> corresponde a matérias mais elaboradas, buscando ter um aspecto imparcial e sendo fortemente marcada por uma narrativa metódica e com influências perceptíveis do editorial na formatação e elaboração do texto. Também é comum encontrar nestas matérias referências a outras notícias já publicadas pela Al-Jazeera, fornecendo ao leitor um contexto mais amplo do que está sendo noticiado. A maioria das matérias publicadas na categoria *News* segue o gênero jornalístico de “*hard news*”<sup>9</sup>, mas isto não constitui regra. Em contraposição a esta categoria temos a *Reporter's Notebook*<sup>10</sup>, remetendo a um modelo tradicional de jornalismo, no qual são publicadas as anotações realizadas pelo repórter no processo de elaboração da matéria. Por possuírem estas características as matérias também têm um aspecto linear para contar a história.

A seção *Reporter's Notebook* se apresenta como um diário do repórter construído durante a elaboração das reportagens, apresentando elementos subjetivos da experiência do jornalista.

Esta diferença entre as duas seções resulta que as matérias da categoria *News* geralmente são mais extensas e referenciem outros eventos, dando um contexto mais amplo para o que é noticiado. Já as notícias da categoria *Reporter's Notebook* são mais curtas, indo direto ao ponto, havendo claro algumas exceções. Ao tratar de *Features*<sup>11</sup> eles se apresentam enquanto uma subcategoria, podendo pertencer tanto a matérias da categoria *News* quanto da categoria *Reporter's Notebook*. Elas se referem a matérias que

---

<sup>8</sup> Um exemplo de uma matéria da categoria *News* é a matéria que noticia a proclamação do califado por parte do Estado Islâmico, disponível em: < <https://www.aljazeera.com/news/2014/6/30/sunni-rebels-declare-new-islamic-caliphate> >

<sup>9</sup> Segundo o manual de redação da Folha de São Paulo as *hard news* são: “Em inglês, tem o sentido de notícia importante. Designa o relato objetivo de fatos e acontecimentos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana. Opõe-se a “*soft news*” e “*feature*”, textos mais leves e saborosos que não precisam ter relação imediata com a descrição de um acontecimento (por exemplo, um perfil).”

<sup>10</sup> Um exemplo de matéria da categoria *Reporter's Notebook* é uma matéria que trata sobre os massacres sofridos por yazidis e narra o sofrimento vivido por pessoas deste grupo após ataques do Estado Islâmico, disponível em: < <https://www.aljazeera.com/features/2015/11/14/no-more-waiting-in-vain-for-iraqs-displaced-yazidis/> >

<sup>11</sup> A matéria utilizada como exemplo na *Reporter's Notebook* é um exemplo também de uma matéria da subcategoria *features*. No caso, o sujeito em particular da matéria são os yazidis.

tratam de algum personagem em particular. Também existem as notícias em que a categoria é utilizada de maneira única, sem estar como uma subcategoria, mesmo que pouco presente no corpo documental. Para além disto elas vão além do carácter factual e imediato de uma notícia. A maioria das matérias da categoria *Reporter's Notebook* está também classificada enquanto *Features*. O manual de redação da Folha de São Paulo de 1996 descreve o gênero jornalístico como:

“Gênero jornalístico que vai além do carácter factual e imediato da notícia. Opõe-se a "hard news", que é o relato objetivo de fatos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana. Um "feature" aprofunda o assunto e busca uma dimensão mais atemporal. Define-se pela forma, não pelo assunto tratado. Pode ser um perfil, uma história de interesse humano, uma entrevista.

A última categoria que falta ser explicada é a *Opinion*<sup>12</sup>. Como o nome sugere em sua tradução direta, são matérias em que os redatores expressam a sua opinião a partir de uma reflexão sobre um determinado tema ou situação, abrindo margem para análises, prognósticos e debates entre os jornalistas. Elas constituem a segunda categoria mais presente no corpo documental, sendo somente as *News* mais presentes. Entretanto as matérias que constituem essa categoria se mostraram – no contato inicial com a fonte realizado para a elaboração do projeto – as de maiores importâncias para o trabalho, justamente por ser onde as opiniões dos redatores estão mais expressas, não necessitando passar pelo “crivo da imparcialidade”<sup>13</sup> e tendo espaço para expor de maneira direta as suas ideias. A Al-Jazeera enfatiza ao final de todas as matérias da categoria *Opinion* que não necessariamente o que fora publicado reflete a opinião do editorial, entretanto isto é o que a torna mais interessante de ser analisada, pois esta categoria se apresenta enquanto a mais passível de moldar a opinião pública. Desta maneira, torna-se importante mapear as opiniões dos redatores que são concordantes com o editorial da rede, assim como aqueles que são discordantes, a partir do que a

---

<sup>12</sup> Um exemplo de matéria da categoria *Opinion* é uma onde Kenan Maliki elabora um ensaio sobre o que atrai as pessoas ao radicalismo, disponível em: < <https://www.aljazeera.com/opinions/2015/10/6/the-push-and-pull-of-extremism/> >

<sup>13</sup> Imparcialidade não existe no meio jornalístico. O que eu procurei enfatizar neste trecho é apenas que nos artigos da categoria *Opinion* não há uma tentativa em ocultar as reais opiniões dos redatores e as intenções do editorial.

pesquisa das outras categorias apontarem como um padrão da opinião do editorial.

Ao tratar da revista *Veja* o corpo documental será bem mais restrito. Diferentemente da Al-Jazeera que é atualizada todos os dias a revista *Veja* é semanal, e as matérias sobre o Estado Islâmico disputam espaço entre diversas notícias da editoria internacional. A primeira matéria que cita o Estado Islâmico na revista *Veja* é uma notícia de 13 de agosto de 2014, tratando sobre os massacres sofridos pelos yazidis sob domínio do grupo terrorista. Esta pauta viria a surgir nas próximas edições de agosto e na época também era uma pauta muito presente na Al-Jazeera. Uma característica que chama a atenção com relação a *Veja* na triagem de fontes é que os assuntos presentes sobre o Estado Islâmico são assuntos que em certa medida são de interesses ocidentais, como por exemplo o recrutamento de europeus para o grupo terrorista, as políticas migratórias mais rígidas, a maneira que os países ocidentais estão se organizando para combater o terrorismo, etc. Não é incomum encontrar meses dentro deste reporte temporal sem menção ao grupo, como por exemplo em junho de 2015, por mais que houvessem eventos marcantes para a época e presente em outras mídias brasileiras e estrangeiras, como as explosões para destruir o patrimônio histórico em Palmira no referido mês. Outra particularidade interessante são duas edições quais possuem um dossiê “especial” sobre terrorismo elaborado pela revista, o primeiro em janeiro de 2015 após o assassinato dos cartunistas do jornal *Charlie Hebdo* em Paris e o segundo após a série de atentados ocorridos em novembro de 2015 em Paris, marco importante na cronologia deste trabalho. São nas edições destes especiais que se encontra maior volume de conteúdo da revista sobre o tema, sendo provavelmente as edições mais utilizadas na pesquisa, ao que a triagem prévia indica.

O corpo documental referente a revista *Veja* abrange um total de 42 edições contendo 44 notícias entre 13/08/2014 a 30/12/2017. O corpo documental da Al-Jazeera contém 214 matérias disponíveis em seu jornal virtual em inglês distribuídas entre as diferentes categorias já demonstradas, sendo destas 129 da categoria *News*, 61 da categoria *Opinion*, 17 *Feature* e 7

*Reporter's Notebook*, estas também compreendendo o recorte temporal imposto para a pesquisa. Tal corpo documental se torna relevante pois assim podemos compreender se a Veja e a Al-Jazeera além de serem vastos meios de comunicação carregam em suas matérias um discurso preconceituoso, como elas categorizam o grupo terrorista, como um portal de notícias virtual estatal árabe, de um país muçulmano, informa sobre o grupo em justaposição à maneira que uma revista brasileira conservadora o faz. Será assim almejado compreender como ambas empresas tratam de um mesmo assunto: o Estado Islâmico.

Serão analisadas as matérias feitas pelos canais escolhidos, e então será colocado em justaposição o que foi noticiado por estes, os seus redatores e confronta-los a partir do que foi estabelecido pela historiografia, relacionistas internacionais e jornalistas que se debruçam no tema do Estado Islâmico para assim poder compreender de maneira clara tanto o evento que a fonte irá tratar quanto as mensagens contidas dentro de suas matérias. É fundamental compreender que a mídia detém uma capacidade de informar a população (principalmente estas mídias projetadas em grande escala, como a Al-Jazeera e a Veja) mas que estas informações podem conter um discurso preconceituoso em seu interior, e identificar este discurso é um grande ganho para uma compreensão tanto da mídia quanto da opinião pública em geral sobre este tema. Ao colocar ambas as mídias em justaposição pode-se obter os diferentes pontos de vistas e as diferentes maneiras de elaborar notícias sobre o mesmo caso, e então verificar em ambas as suas particularidades referentes aos objetivos da pesquisa.

Observemos por exemplo duas matérias da Al Jazeera em justaposição com uma da Veja. Em 2015 foi de grande impacto o sofrimento dos yazidis no Iraque perseguidos pelo Estado Islâmico. Duda Teixeira escreve para a Veja a matéria “a destruição dos povos” em 13 de agosto de 2014 na edição 2386 sobre o assunto. Na matéria Duda Teixeira passa boa parte discorrendo sobre as dificuldades que os yazidis estavam sofrendo, como o fato de estarem isolados na montanha Sinjar, a falta de água e a prática de

conversão forçada dos yazidis. Entretanto, o que eu gostaria de enfatizar nesta matéria é o trecho final dela. Duda Teixeira afirma:

“[...] As primeiras tentativas de socorro por parte do Exército iraquiano foram desastrosas. As garrafas de água, por exemplo, sem proteção, explodiram quando bateram no solo. Sem condições para fazer covas, os familiares colocam pedras por cima dos corpos. Em situações de barbárie extrema, até os países mais avessos relaxam o seu antiamericanismo e em coro reclamam uma atitude urgente dos Estados Unidos. [...] Criado em 2004, o ISIS já domina um território equivalente a um terço do Iraque. Seus integrantes se armaram na Síria, onde lutam contra o ditador Bashar Assad, e depois se apoderaram de blindados, tanques e helicópteros do Iraque. Na semana passada, o grupo tomou a maior represa do país e postou na internet fotos de yazidis mortos com a frase ‘mate-os onde quer que estejam’. Outras minorias em riscos são os turcomanos e os shabaks, muitos dos quais são xiitas. Esses grupo terão de se submeter ao terror constante do totalitarismo religioso do Isis para sobreviver.”<sup>14</sup>

Duda Teixeira deixa explícito aqui uma incapacidade dos governos locais de serem efetivos no combate contra o Estado Islâmico, sendo justamente da incapacidade destes governos que o grupo veio a crescer e ter poder. Estes governos então quando se encontram incapazes de solucionar o problema criado por eles (pela lógica de Duda Teixeira) engolem o seu orgulho antiamericano e solicitam auxílio para assim resolverem os seus problemas (no caso o “totalitarismo religioso do Isis<sup>15</sup>”). Cabe ressaltar que termos como “bárbaros”, “radicais”, “terroristas” recheiam a matéria que Duda Teixeira elabora um discurso bem caloroso (característica que aparente ser comum do jornalista) em tom de indignação contra a atrocidade cometida pelo Estado Islâmico.

Os massacres dos yazidis também estão muito documentados no jornal virtual da Al-Jazeera. Na matéria da categoria *News* intitulada “*Iraqi Yazidis: ‘if we move they kill us’*” de Mohammed A Salih e Wladimir van Wilgenburg publicada no jornal virtual em 5 de agosto de 2014 os autores entrevistam por telefone um yazidi que estava preso na montanha de Sinjar fugindo do Estado Islâmico. A matéria do jornal virtual apresenta uma estrutura muito similar a de Duda Teixeira: ambos começam a matéria contando a

<sup>14</sup> TEIXEIRA, Duda. A Destruição dos Povos. Revista Veja. São Paulo. Edição 2386, pp. 84-85. 13 de agosto de 2014.

<sup>15</sup> *Islamic State of Iraq and Syria*, sigla em inglês para o grupo Estado Islâmico.

agonia vivida pelos yazidis presos na montanha, posteriormente explicando o que é a fé yazidi, então narram os esforços de contenção. Esta estrutura é seguido praticamente em *ipsis litteris*, sendo alguns trechos da matéria da revista Veja idênticos ao da matéria da Al-Jazeera. Mas há uma diferença latente entre ambas as matérias: também no final da notícia os autores abordam a questão da maneira que a população vê o combate ao Estado Islâmico:

*“On Tuesday, Yazidi sources told Al Jazeera that helicopters – thought to belong to the Iraqi military – had dropped food and water to those caught in the Sinjar Mountain. But some of the supplies were rendered useless as they flew at a high altitude to avoid being shot down by Islamic State fighters. The roads from Shekhan to Zumar, another area that Islamic State fighters captured on Saturday, are full of displaced families camping on both sides of the road without any protective shelter. Others are now living in two camps for internally-displaced persons in Sharia and Khanik.*

*As the crisis continues, many people are angry with the Kurdish Peshmerga forces for not resisting the Islamic State group’s advance. ‘The Peshmerga forces in our area were weak,’ Shakir said. ‘They did not fight much.’*

*Faced with mounting criticism, Massoud Barzani, president of Iraq’s Kurdish region, made a rare public pronouncement. “There must be no room for negligence and shortcomings,” Barzani told the Yazidi community leader, Baba Sheikh. “Measures will be taken against those who were remiss in defending and protecting people.” Meanwhile, the attack on Sinjar has prompted Iraqi and Syrian Kurds to join forces to battle the Islamic State. Some members of the Peshmerga force and hundreds of Yazidi civilians took refuge in areas controlled by Syrian Kurdish fighters, known as the Peoples Protection Units (YPG)*

*On Tuesday, heavy clashes continued between Kurdish troops and Islamic State fighters in several areas of Nineveh, including around Sinjar, Zummar, Hamdaniya and Makhmour. ‘Around 85 percent of the Yazidis live in Sinjar,’ said Mamo Selim al-Bagsri, head of the municipality in Skhean. He warned that large-scale killing of Yazdis would have an irreversible impact on the community’s future. ‘The only one who is not against Yazidis is God.’”<sup>1617</sup>*

<sup>16</sup> SALIH, Mohammed; WILGENBURG, Wladimir. *Iraqi Yazidis: “if we move they kill us”*. Al-Jazeera. n/d. 5 de agosto de 2014. Disponível em: < <https://www.aljazeera.com/news/2014/8/5/iraqi-yazidis-if-we-move-they-will-kill-us> >. Último acesso em 06/11/2020.

<sup>17</sup> “Na terça-feira, fontes yazidis contaram a Al Jazeera que helicópteros – cujos pensavam-se ser do exército Iraquiano – enviaram comida e água à aqueles capturados na montanha Sinjar. Mas alguns dos suprimentos foram inúteis, já que eles caírem em uma altitude alta para não serem alvejados pelos combatentes do Estado Islâmico. As estradas de Shekhan a Zumar, outra área que o Estado Islâmico capturou no sábado, está cheia de famílias que perderam seus lares, acampando em ambos os lados da estrada sem nenhum meio de se proteger. Outras agora estão vivendo em dois campos para aqueles deslocados internos em Sharia e Khanik. Com a continuidade da crise, muitas pessoas estão bravas com as forças Peshmergas Curdos por não estarem resistindo ao avanço do Estado Islâmico. ‘As forças Peshmerga em

É latente uma diferença primordial neste aspecto: em nenhum momento a Al-Jazeera estabelece uma ideia de que aqueles que estão sofrendo as mazelas do Estado Islâmico estão pedindo por ajuda internacional, principalmente ajuda estadunidense. Pelo contrário, a matéria indica que a população está reivindicando que o exército curdo Peshmerga haja de acordo e seja efetivo ao combate ao Estado Islâmico. Durante toda a matéria os redatores também não se utilizam de termos como “terroristas”, “radicais”, “jihadistas”, “bárbaros”, por mais que narrem com maior imersão a infâmia acometida pelo Estado Islâmico aos yazidis do que a Veja, o que torna mais palpável a brutalidade dos seus atos e um discurso menos emocional e caloroso como Duda Teixeira fez. O tom que se gera aqui é muito mais de indignação para com as forças combatentes ao Estado Islâmico, que estão sendo ineficientes, do que com o próprio Estado Islâmico. Ainda assim, o jornal faz questão de enfatizar que combates recentes estão acontecendo, para não ter a sensação de inércia por parte dos árabes e dos curdos frente ao Estado Islâmico, sensação esta de inércia que Duda Teixeira ao elaborar a matéria sobre o mesmo assunto para Veja, tom presente ao todo em sua matéria.

Sobre este tema levantado por Duda Teixeira de aqueles que sofrem a invasão do Estado Islâmico engolirem o seu orgulho anti-americano e irem pedir ajuda à eles, a única menção que encontrei sobre isto no jornal virtual da Al-Jazeera é uma matéria de Jacob Russel de 5 de agosto de 2014, da categoria *News*, intitulada “*politician beg world to help Iraq’s yazidis*” e narra uma estória de Vian Dakhil, um político representante dos yazidis no parlamento iraquiano que teve uma reação emocional muito forte, chorando em

---

nossa área são fracas,’ Shakir disse. ‘Eles não lutaram o suficiente’. Enfrentando o criticismo, Massoud Barzani, presidente da região Curda do Iraque, fez um raro pronunciamento público. ‘Não há espaço para negligências e deficiências,’ Barzani disse ao líder da comunidade yazidi, Baba Sheikh. ‘Medidas serão tomadas contra aqueles que sejam negligentes em defender e proteger nosso povo. ‘ Enquanto isso, o ataque em Sinjar catapultou as forças dos curdos sírios e iraquianos para combater o Estado Islâmico. Alguns membros das forças Peshmerga e centenas de cidadãos yazidis tomaram refúgio em áreas controladas pelos combatentes curdos sírios, conhecidos como Unidade de Proteção Popular (YPG). Na terça-feira, pesados combates continuaram entre tropas curdas e o Estado Islâmico em diversas áreas de Nineveh, incluindo em torno de Sinjar, Zummar, Hamdaniya e Makhmour ‘cerca de 85 por cento dos Yazidis vivem em Sinjar’ disse Mamo Selim al-Bagsri, líder do município em Skhean. Ele avisou que os homicídios em larga escala de yazidis podem ter um impacto irreversível no futuro da comunidade. ‘O único que não está contra os Yazidis é Deus.’”. Tradução livre.

sessão, por conta do genocídio que seu povo sofria. O apelo que a matéria referencia está presente na seguinte fala de Vian Dakhil:

*“ Over the past 48 hours, 30,000 families have been besieged in the Sinjar mountains, with no water and no food,[...] Seventy children have already died of thirst and 30 elderly people have also died. [...]We are being slaughtered, our entire religion is being wiped off the face of the earth. I am begging you, in the name of humanity.”*<sup>1819</sup>

A matéria complementa esta informação dizendo que já naquele momento o Conselho de Segurança da Organização das Nações já estava se mobilizando para agir contra o grupo. Em nenhum momento de seu pedido Vian Dakhil faz referência aos Estados Unidos, e o órgão que estava se mobilizando para auxílio não é também do país. Por que Duda Teixeira enfatiza essa versão de que os árabes estão “engolindo o seu orgulho anti-americano”? Como jornalista que constantemente tratou sobre este tema, ele deve saber que houveram outras coligações investindo contra o Estado Islâmico, como a russa por exemplo. Caso ele tenha afirmado isto em referência a fala de Vian Dakhil, por qual motivo faz ele pensar que o político estava se referindo aos Estados Unidos? O mesmo vale para a Al-Jazeera com relação de vincular o discurso do político com o Conselho de Segurança da ONU, afinal em sua fala o político em nenhum momento cita algum país ou algum órgão internacional. Apenas é um pedido de socorro amplo, em que qualquer ajuda é suficiente, afinal, ele se encontra em uma situação desesperadora. Qual é o interesse destas mídias em atribuírem estes corpos externos ao contexto do Estado Islâmico e dos yazidis algum grau de interferência e de dependência da situação perante a eles?

Este é um exemplo de como se ambiciona realizar na pesquisa a justaposição das fontes acompanhado de uma problematização e indagação do que nos é apresentados por ambas as fontes. Se torna assim relevante também apresentar os redatores das matérias, no caso da revista Veja

<sup>18</sup> RUSSEL, Jacob. *Politician beg world to help Iraq's yazidis*. n/d. 5 de agosto de 2014. Disponível em : < <https://www.aljazeera.com/news/2014/08/06/politician-begs-world-to-help-iraqs-yazidis/> >. Último acesso em: 06/11/2020.

<sup>19</sup> “Nas últimas 48 horas 30.000 famílias foram cercadas nas montanhas Sinjar, sem água e sem comida. Setenta crianças já morreram de sede e 30 anciões também morreram. Nós estamos sendo assassinados, nossa religião inteira está sendo varrida da face da Terra. Eu estou implorando a vocês, em nome da humanidade.”

considerar a capa, quando ela vier a agregar algo na discussão, em ambas as fontes é vasta a presença de imagens, as quais podem agregar também na discussão e na problematização da fonte, por conta de a imagem acompanhada do texto também ser impactante no ato de moldar a opinião pública.

## 5. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	2021						2022					
	1º Semestre			2º Semestre			1º Semestre			2º Semestre		
Revisão Bibliográfica	■	■	■	■								
Créditos de Disciplinas	■	■	■	■	■	■						
Trabalho com Fontes				■	■	■	■	■	■			
Redação								■	■	■		
Revisão do Texto											■	
Versão Final da Dissertação											■	■

## 6. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO PRELIMINAR

AL-SHAMI, Leila; YASSIN-KASSAB, Robin. País em Chamas. São Paulo: Sundermann, 2018.

BARBER, Benjamin. O Império do Medo. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BONNER, Michael. Jihad in islamic history. Nova Jersey: Princeton University Press, 2006.

CASTRO, Isabelle Christine. **Do Islã a política: a expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos no Egito (1936-1949)**. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

COGGIOLA, Osvaldo. Islã Histórico e Islamismo Político. São Paulo: Instituto da Cultura Árabe, 2007.

COSTA, Ana Carolina. **A nova face do terror: uma interpretação da propaganda audiovisual do Estado Islâmico como fenômeno cultural na era da midiaticização**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho". Bauru, 2018.

DEMANT, Peter. O Mundo Muçulmano. São Paulo: Contexto, 2015.

ERELLE, Anna. Na Pele de uma jihadista. São Paulo: Editora Schwartz, 2015.

FARIAS, Igor. **Deslocados internos por perseguição religiosa e o Estado Islâmico: Uma análise do caso Iraquiano (2006-2014)**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa, 2018.

GERGES, Fawaz. A History ISIS. Nova Jersey: Princeton University Press, 2016.

GIGLIO, Mike. Shatter of the Nations. Nova Iorque: Hachette Book Group, 2019.

GUIDÈRE, Mathieu. O Choque das Revoluções Árabes. Lisboa: Edições 70, 2012.

HOURANI, Albert. Uma História dos Povos Árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. O Pensamento árabe na era liberal 1798-1939. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KASIKI, Sophie. Nas Sombras do Estado Islâmico. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

KUNG, Hans. Islão: Passado, Presente e Futuro. Lisboa: Edições 70, 2017.

LIAN, Gabriela. **A rede de televisão árabe Al Jazeera: crescimento e relevância no contexto local e internacional.** Dissertação (Mestrado em Estudos Judaicos e Árabes) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

LIMA, José Antonio. **A ascensão da Irmandade Muçulmana ao poder no Egito e seu impacto na política interna egípcia.** Artigos (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

LOPES, Gustavo. **As redes sociais e os novos fluxos de agendamento: uma análise da cobertura da Al Jazeera durante a Primavera Árabe.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

METZGER, Fábio. **Pluralismo x Radicalismo: a integração do islã político em algumas sociedades muçulmanas – os casos de Egito, Turquia e Argélia.** Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MOHAMEDOU, Mohammad-Mahmoud. A Theory of ISIS. Londres: Pluto Press, 2018.

NASR, Seyyed. Islamic Leviathan. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001.

PETERS, Rudolph. Crime and Punishment in Islamic Law. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005.

PINTO, Thiago. **“Caliphate Building”**: Um estudo de caso sobre a formação, expansão e contenção do Estado Islâmico. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_, Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAWY, Maria Izabel. **A Shari’ah Al Islamia: contextualização histórica, política e atualidade**. Dissertação (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito do Recife, Universidade Estadual de Pernambuco. Recife, 2002.

STEED, Brian. ISIS. Santa Barbara: ABC-Clio, 2016.

The Islamic World: Islamic History. Nova Iorque: Britannica Educational Publishing, 2010.

VICENZI, Roberta. **Nacionalismo Árabe: apogeu e declínio**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006.

VIEIRA, Maria; PEIXOTO, Maria; KHOURY, Yara. A Pesquisa em História. São Paulo: Editora Ática, 1989.

WRIGHT, Lawrence. O Vulto das Torres. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.